

#FALADIREITO

CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO E
CIDADANIA DO DESEMBOLA NA IDEIA

DESAFIO nº 3:

#PELO TRABALHO SONHO

COMUNICADORAS
ADES MULTIPlicADORAS

R
O
M
O
N
T
E





#FALADIREITO

CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO E
CIDADANIA DO DESEMBOLA NA IDEIA

DESAFIO Nº 3:

#TRABALHOPELOSONHO

GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA

AÇÕES MULTIPLICADORAS

BELO HORIZONTE

PRODUZIDO EM 2020

REVISADO E AMPLIADO EM 2022



Caros/as educadores/as,

Este guia foi produzido com muito apreço para você que luta diariamente pelos direitos infantis e juvenis. Com o objetivo de chamar atenção para as realidades de adolescentes em situação de risco social, o conteúdo traz narrativas acerca dos sonhos, dos sentimentos e das experiências desses sujeitos e, a partir da proposição de algumas atividades, faz refletir sobre quão próximas essas histórias estão das nossas. As atividades que resultaram nessas narrativas podem ser replicadas em comunidades, escolas ou no trabalho com adolescentes e jovens. A publicação íntegra o kit da campanha #faladireito, que também traz postais e cartazes com imagens e textos produzidos em oficinas realizadas em unidades do socioeducativo e no projeto Desembola na Ideia, além de série de vídeos e podcasts.

#faladireito é uma campanha permanente do projeto **Desembola na Ideia**, criada a partir de atividades de educomunicação promovidas junto a adolescentes em situação de risco social.

O Desembola na Ideia combina atenção psicossocial e arte na promoção de direitos, inserção nos espaços de sociabilidade, acompanhamento psicanalítico e mobilização artístico-cultural de adolescentes que sofrem com a marginalização e a exclusão social. Dentro do Programa de Educomunicação, adolescentes participam de oficinas em que escolhem temáticas relacionadas à cidadania, experimentam e se apropriam de linguagens e de recursos da comunicação para falar de tais temáticas, elaboram e colocam em circulação variadas peças de comunicação que promovem os direitos juvenis.

O projeto é realizado pela AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs, com recursos destinados pela 20ª e pela 36ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, no bojo de ações civis públicas propostas pelo MPT, e apoio da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte – Área Infracional, assim como do PlugMinas – Centro de Formação e Experimentação Digital da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

O PROGRAMA DE EDUCOMUNICAÇÃO E A CONCEPÇÃO DA CAMPANHA

As atividades de educomunicação do Desembola na Ideia são alicerçadas na metodologia **mídia-processo**. A base de tal metodologia são desafios criativos, lançados em encontros formativos e rodas de conversa, nos quais adolescentes são instigados a produzir conteúdos comunicativos e, ao longo dos processos de criação de tais conteúdos, dialogam, refletem e constroem conhecimentos acerca de temas relacionados à sua cidadania. Além disso, eles/as também têm a oportunidade de ampliar seu repertório, ao conhecer outras campanhas e experiências inspiradoras.

O nome #faladireito surgiu a partir de dois pontos que emergiram em todas as rodas de conversa com adolescentes. De um lado, era recorrente a menção à necessidade de falar sobre direitos, de expressar que jovens em situação de risco e/ou em conflito com a lei são cidadãos, sujeitos de direitos. De outro, foi unânime a indicação de que seria preciso tratar desses direitos numa linguagem criada por e acessível a adolescentes. Da junção dessas duas propostas, consideradas como a essência do trabalho a ser desenvolvido, surgiu o nome #faladireito.

Nosso anseio é potencializar o trabalho das instituições atuantes no Sistema de Garantia dos Direitos (SGD), bem como de organizações, grupos e movimentos da sociedade civil que promovem causas que envolvem adolescentes e jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), sobretudo aqueles ligados ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), ao Conselho Estadual da Criança e do Adolescente (CEDCA) e ao Fórum das Juventudes da Grande BH.

Esperamos que, por meio da ação de agentes multiplicadores/as, a **#faladireito** ganhe vida nas comunidades, nos espaços públicos, nas organizações que atuam no campo da cidadania e nas instituições educativas.

SUMÁRIO

- p. 6** O TERCEIRO DESAFIO:
#TRABALHOPELOSONHO

PRECISAMOS FALAR SOBRE...

- p. 8** O trabalho dos sonhos
p. 20 Nunca me sonharam
p. 31 Um trabalho em comum pelo direito de sonhar

O TERCEIRO DESAFIO:

#TRABALHOPELOSONHO

Iniciamos 2022 com mais de **12 milhões de pessoas desocupadas no Brasil**, a quarta maior taxa de desemprego do mundo. Sem contar as mais de quatro milhões categorizadas como “desalentadas”, grupo que gostaria de trabalhar, mas não procura por emprego em função de uma série de fatores, como a falta de oportunidades e/ou de experiência profissional. A subutilização da força de trabalho já chega a 24,3% da população, e são as pessoas jovens as mais afetadas nesse cenário.

Uma pesquisa do IBGE divulgada no segundo semestre de 2021 apontou que, **na faixa etária de 14 a 17 anos, 46% estavam em busca de trabalho; dos 18 aos 24 anos a taxa diminuiu para 31%, ainda se mantendo acima da média nacional**, na época 14%. Esse público vivencia de forma muito mais profunda o chamado “desemprego a longo prazo”, que é quando alguém passa mais de dois anos procurando por trabalho de forma ininterrupta e sem sucesso. Mulheres e pessoas com baixa escolaridade sofrem duas vezes mais do que a média da população.

Não é preciso muito esforço para imaginar que a balança pesa ainda mais para adolescentes e jovens em situação de risco social, em conflito com a lei ou não, que moram nas periferias e têm seus direitos à cidadania sistemática e cotidianamente negados. Sem informação, qualificação adequada e o famoso “QI” (sigla para “quem indica”, em referência ao capital social necessário para circular em certos espaços), muitas e muitos não chegam sequer a tentar ingressar no mercado de trabalho. Para meninas e mulheres, o **trabalho invisível em torno do cuidado** da casa, da família e da comunidade também se torna limitador, não sendo sequer considerado.

Quem persiste, vivencia situações de extrema **precarização do trabalho**, em condições muitas vezes análogas à escravidão. Vão do tráfico de drogas consideradas ilícitas às prestações de serviços sem qualquer garantia de direitos, no fenômeno que vem sendo chamado de “uberização do trabalho”. É o que acontece, por exemplo, com quem faz entregas por aplicativos e grandes empresas de tecnologia.

Não é difícil entender quem desiste.

A crise sanitária, econômica, política e social que vivemos gera cada vez mais violações de direitos e ameaças à sobrevivência. Mas é preciso apostar na vida e defendê-la. Oportunidades decentes de trabalho podem garantir não apenas a sobrevivência, mas também a dignidade e o sonho para as juventudes negras, pobres, periféricas e em vulnerabilidade. Afirmar o direito desse público a oportunidades de inserção cidadã no mundo do trabalho deve ser nosso horizonte ético. Mirando tal horizonte, o terceiro desafio da campanha, #trabalhopelosonho, aposta na ação e no movimento pela transformação.

Apesar de o sistema capitalista tentar, a todo custo, esvaziar o **trabalho de sua dimensão criadora** e pulsante, ela permanece como potência. É o que nos mostram mulheres e homens como Alex, Bárbara, Belle, Bia, Bianca, Cenir, Cristiane, Fábio, Fernanda, Gabriela, Geraldo, Guto, Ingrid, Jefinho, Joseane, Leander, Letícia, Lucas, Luciana, Márcio, Maycon, Musso, Núria, Olívia, Rafaela, Tatinha, Thiago, Vanessa, Vinicius, Vitor, e demais participantes da construção dessa campanha.

Garantia de direitos, condições adequadas e oportunidades para o desenvolvimento humano pleno são perspectivas que não podemos deixar de perseguir. Como ensinaram os Racionais MC's,

*“É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder”
(A vida é um desafio, Racionais MC's)*

Que tal colar com a gente? Se você deseja contribuir e não sabe por onde começar, apresentamos a seguir atividades concretas e sugestões de metodologias para conduzir encontros, debates e ações mobilizadoras.

#trabalhopelososho



...idades primitivas não se conhecia essa di-
v. Todos os seus membros estão empenha-

Smith, o capital não er-
de produção, mas some

...de se é
vol-
como consequência uma com-
cial do trabalho. N





PRECISAMOS
FALAR SOBRE

O TRABALHO DOS SONHOS

O trabalho ocupa uma dimensão central da nossa existência. Ao longo da vida, quando nos questionam sobre “quem somos”, a resposta, na maioria das vezes, é atrelada à profissão que exercemos ou na qual estamos nos formando. Isso porque, para além da dimensão financeira, trabalhar envolve projetos de futuro, realização e reconhecimento, desenvolvimento de habilidades, ampliação dos contatos e das redes de sociabilidade, organização da rotina, entre muitos outros aspectos. Tudo isso influencia, diretamente, na forma como nos vemos e nos projetamos no mundo, ou seja, **no nosso eu**.

No mundo contemporâneo, o trabalho costuma ser reduzido ao seu aspecto mais instrumental, por vezes ligado exclusivamente à necessidade de sobrevivência. Para a juventude, principalmente aquela submetida a condições de vulnerabilidades sociais, ele representa uma das poucas possibilidades de ampliar as relações com o mundo e as pessoas.

A filósofa alemã Hannah Arendt (A condição humana, 2017) foi uma das que pensou sobre esses impasses em torno da condição humana, diferenciando **labor e trabalho**. Enquanto o primeiro corresponde às ações repetitivas que têm como objetivo a manutenção da própria vida e, por conseguinte, da espécie, o segundo é o responsável pela **transformação da natureza por meio das nossas capacidades**. É a partir da criação, apropriação e elaboração que se gera o conhecimento, afirma a autora.

É por isso que “a gente também se forma pelo trabalho”, como lembra o pesquisador da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG Geraldo Leão, no primeiro episódio do podcast da campanha **#faladireito**¹. A depender das variadas formas de pertencimento étnico, racial, de gênero, faixa etária, religião etc. de cada pessoa, o trabalho assume diferentes sentidos.

Em um contexto de garantia de direitos de cidadania, o indivíduo é impulsionado, desde a infância, a desenvolver suas potencialidades e identidades, essenciais para que consiga projetar o próprio futuro e fazer escolhas de maneira consciente. Para tanto, é necessário que lhe sejam oferecidas oportunidades concretas de acesso à educação, saúde e cultura de qualidade, previstas na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, e no Estatuto da Juventude, de 2013. Trata-se do **princípio da proteção integral**, que rompe com a ideia de que crianças, adolescentes e jovens são objetos de intervenção do mundo adulto.

1 Acesse os materiais da terceira campanha da #faladireito por meio do link ou do QRCode disponibilizado nas páginas finais deste guia: aic.org.br/saberes-compartilhados/kit-faladireito3/.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à **profissionalização**, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

A profissionalização é elencada, em pé de igualdade, com os demais direitos que devem ser garantidos a todas e todos. Não se trata, meramente, de ter ou não um emprego, mas de qualificar a **transição entre a educação e o mundo do trabalho**. É a educação, sem dúvida, cumpre um papel fundamental nesse processo. É uma etapa que merece especial atenção no que se refere ao desenvolvimento humano, conforme veremos adiante.

Em função disso, a legislação brasileira se alinha à Convenção Sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1989 e ratificada pelo Brasil em 1990, no entendimento de que é dever da sociedade proteger crianças e adolescentes “contra a exploração econômica e contra a realização de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, ou que seja prejudicial para sua saúde ou para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social” (artigo 32 da Convenção Sobre os Direitos da Criança).

O ECA proíbe qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz, e define uma série de condições para o trabalho exercido por adolescentes, de modo exatamente a garantir a frequência à escola, o caráter formativo das experiências profissionais e que aquelas e aqueles que trabalham não sejam expostos/as a situações como trabalho noturno, perigoso, insalubre e/ou prejudicial ao seu desenvolvimento.

Desenvolvimento humano: conceito-chave

Também no ano de 1989, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) introduziu universalmente o conceito de Desenvolvimento Humano, que parte do pressuposto de que, para aferir o avanço na qualidade de vida de uma população, é preciso ir além do viés puramente econômico e considerar três dimensões básicas: renda, saúde e educação. Os infográficos a seguir resumem as ideias centrais da proposta.



O QUE DIZ O PARADIGMA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO PROPOSTO PELO PNUD?

A vida é um valor básico e universal.

Cada sujeito tem direito a desenvolver seu potencial.

Para isso, deve ter asseguradas:

Oportunidades

**Condições para
fazer escolhas**

A política de desenvolvimento deve basear-se em:

**liberdades
democráticas**

**transformação
produtiva**

**equidade
social**

**sustentabilidade
ambiental**

Imagine um jovem de 17 anos, que sonha em ser professor, está finalizando o ensino médio em uma escola particular e prestes a ingressar na faculdade. Ele dispõe de apoio emocional e financeiro da família, que arca com o seu sustento e com os custos do ensino superior. Durante a graduação em História, ele faz cursos complementares e alguns estágios na área da educação, que, pouco a pouco, o preparam para o mercado de trabalho. Aos 22, prestes a se formar, recebe uma proposta de emprego com carteira assinada de uma das instituições onde atuou.

Esse caso hipotético, próximo da vivência de uma pequena parcela de jovens no Brasil, ilustra uma trajetória de investimento, preparação e amadurecimento individuais. Antes de iniciar a vida para o trabalho, ele teve a chance de aprender a profissão que tanto desejava. Essa experiência cumpriu um papel fundamental, pois lhe permitiu experimentar diferentes formas de trabalhar e, a partir daí, escolher com qual delas mais se identificava.

No segundo exemplo, vamos pensar em uma adolescente cursando o segundo ano do ensino médio, que ingressa no curso de Aprendizagem Industrial em Confecção e Moda do Senai². Ela tem 15 anos e, apesar de ainda não precisar ajudar nas despesas de casa, quer se preparar logo para ter uma

2 O Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) integra o chamado Sistema S, conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica. Também participam do sistema as seguintes entidades: Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest).

profissão. Pela manhã, se dedica às tarefas de casa e ao cuidado da irmã mais nova, à tarde vai para o curso técnico e, no final do dia, ingressa no ensino noturno da escola pública perto de sua casa. Apesar da rotina cansativa, o curso a incentiva a continuar os estudos. O que aprende por lá reverbera em sala de aula, ajudando-a a se destacar nas disciplinas de artes e matemática. Uma vizinha costureira a convida para ajudá-la durante os sábados, momento em que ela aproveita para testar o que aprende e também ganhar uma gorjeta.

Antes desse curso, ela tentou o de Programação, mas, ao experimentar um pouco da rotina profissional, viu que não era o que queria. A mãe insistiu para que ela continuasse, mas a psicóloga da instituição a auxiliou a encontrar uma outra opção mais próxima do seu perfil. O seu sonho, agora, é fazer a faculdade de Moda. Ela sabe que não vai ser fácil ter que trabalhar para continuar estudando pelos próximos anos, mas espera conseguir uma bolsa pelo ProUni³ ou Fies⁴.

Apesar das diferentes realidades, ambos os casos contam com proteções do Estado, da família e da comunidade. Cada sujeito, a seu modo, tem acesso a oportunidades que lhe permitem desenvolver suas potencialidades e descobrir novas habilidades, incluindo mudanças de rota, quando preciso.

3 O Programa Universidade Para Todos (Prouni) oferta bolsas de estudo, integrais e parciais (50% do valor da mensalidade do curso), em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas, para públicos de baixa renda.

4 O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação (MEC), que tem como objetivo conceder financiamento a estudantes em cursos superiores não gratuitos, com avaliação positiva Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

A adolescência e a juventude são fases de peculiar crescimento e amadurecimento, e é necessário que elas sejam respeitadas. Tanto a Lei do Estágio, que protege a incursão do primeiro jovem, quanto a Lei da Aprendizagem, que protege a segunda, levam isso em consideração.

Mesmo não configurando vínculo empregatício, a **Lei do Estágio** (lei nº 11.788/2008), na modalidade não obrigatório, prevê remuneração, transporte e férias para estudantes. A relação com a instituição de ensino é priorizada, sendo esta a responsável por fiscalizar a adequação das atividades ao que é aprendido em sala de aula. As cargas horárias são menores do que as do mercado de trabalho formal, e há previsão de redução durante o período de provas e exames finais, por exemplo.

Já a **Lei da Aprendizagem** (lei nº10.097/2000) protege adolescentes e jovens a partir dos 14 anos, prevendo condições especiais para cada faixa etária admitida na condição especial de jovem aprendiz. No último capítulo deste guia, trataremos dessa modalidade de trabalho de forma concreta, apresentando o estudo de caso do Programa de Incentivo à Aprendizagem de Minas Gerais – Descubra!, dedicado à inserção protegida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social no mundo do trabalho.

A transição para o mundo do trabalho de forma protegida visa garantir que adolescentes e jovens tenham oportunidades e, a partir delas, desenvolvam autonomia para fazer as próprias escolhas, de maneira consciente, respeitosa e responsável, e possam sonhar com outros futuros possíveis. É importante destacar que **a aprendizagem para o trabalho (e para a vida!) também passa pela educação não formal**, que se dá no bairro, na igreja, nos grupos em que cada pessoa se insere e desenvolve sentidos de pertencimento.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

A construção de um projeto de vida, ou seja, de sonhar o futuro a partir de condições materiais do presente, não é apenas uma atividade a ser realizada, mas, acima de tudo, uma capacidade que vai sendo desenvolvida paulatinamente no processo de formação do sujeito. Elaborar planos de vida para si, traçar propostas e objetivos e estabelecer metas que possam ser cumpridas a curto, médio e longo prazo são etapas fundamentais desse processo.

Pensando nisso, sugerimos que profissionais e ativistas que atuam na formação de adolescentes e jovens desenvolvam com os grupos que atendem a atividade **Projeto de Vida - Sonhos com degraus**, que adaptamos dos Cadernos de Educação Solidária - Metodologias para Aprendizagem Ativa.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Folhas de papel
- Recortes de revista e jornais
- Canetas, lápis, canetinhas
- Cola, tesoura

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

- Exiba o vídeo *O trabalho dos sonhos*, da série de vídeos desta campanha.

Acesse: aic.org.br/saberes-compartilhados/kit-faladireito3/

- A partir das falas de Márcio, Alzira, Maykom, Breno, Giovana e Fernanda, discutam as possibilidades de educação e profissionalização apresentadas, e quais foram/são os planos para realizar os seus sonhos;

- Em um segundo momento, distribua os quadros, que podem ser preenchidos de forma coletiva (quando se tratar de grupos de profissionais, por exemplo) ou individual (se for com adolescentes);
- Os quadros devem ser entregues um de cada vez, com tempos determinados para o seu preenchimento;
- Ao final, eles devem ser compartilhados entre o grupo e gerar um debate em torno das escolhas e metas vislumbradas.

Quadro 1 - Identidade

Descreva você próprio/a e faça uma lista das suas qualidades, forças e os pontos que acredita que precisa melhorar.

Você tem sonhos? Quais?

O que te afasta dos seus sonhos?

O que te aproxima dos seus sonhos?

DESENHE UMA REDE QUE REPRESENTA AS SUAS RELAÇÕES

Coloque você no centro e as relações que você constrói: família, amizades, namoro, escola, trabalho, lazer, religião, grupos culturais etc. Identifique quem está mais perto ou mais longe de você. Identifique também quem é(são) a(s) pessoa(s) que mais te incentiva(m).

Quadro 2 - Sonhos

Defina uma meta (um sonho possível de se concretizar) para cada um dos seguintes aspectos de sua vida listados a seguir.

Relacionamentos (família, amigos, escola, namoro)

Vida escolar

Vida profissional

Vida social, cultural e esportiva

Quadro 3 - Sonhos com degraus

Sonhos o que eu busco?	Que ações posso realizar agora e nos próximos dois meses, para caminhar rumo ao que desejo?	Que ações posso realizar até o final do ano?	Que recursos (financeiros ou não) e pessoas posso contar em minha busca?
Nos relaciona- mentos			
Na vida escolar			
Na vida profissional			
Na vida social, cultural e esportiva			

#trabalhopelosinho



AUTORIDADE DE SALARIO

CURRICULO VITAL

PERGUNTAS

TRABALHADOR

EXPERIENCIA

FORMAÇÃO COMPLEMENTAR





PRECISAMOS
FALAR SOBRE

NUNCA ME SONHARAM

- “As oportunidades que eu já tive, mínimas. Acho que só mesmo aqui na escola, que a professora procura trazer oficinas de português, matemática, do Enem, é o que está ajudando. Se não fosse isso...”
- “A gente fica mais tempo aqui, com os professores, do que com nossos pais. Eles vão trabalhar de manhã, voltam de noite, e a gente não vê ninguém”.
- “A gente tem que escolher uma profissão, e não consegue experimentar outras coisas. Porque a gente que é pobre, tem que escolher uma coisa já pensando em ganhar dinheiro”.
- “Era meio pesado pra mim, eu tinha que pegar o trabalho quatro horas da tarde e saía uma hora da manhã, duas, três”.
- “Eu tive que trabalhar primeiro, perder um período da minha vida, para ter dinheiro para fazer uma faculdade privada, porque meus pais me cobravam isso”.

Relatos coletados do filme *Nunca me sonharam* (2017).

Entre os sonhos de se tornarem professora, piloto de avião, dançarino, químico e presidente da república, adolescentes entrevistados/as no documentário *Nunca me sonharam* (2017) elencam as dificuldades que vivenciam desde cedo, relatando muitas vezes **entradas precoces e precárias no mundo de trabalho**, de forma quase sempre desprotegida, em um ciclo de manutenção sistemática das trajetórias de familiares e pessoas de seu círculo de convivência.

As falas também demonstram uma consciência profunda das injustiças e desigualdades a que são submetidos/as, criando diferenças em relação a adolescentes e jovens que tiveram garantidos os direitos à cidadania. O crescimento e desenvolvimento dessa parcela da população juvenil se dá em meio a incertezas, exclusões e promessas que dificilmente se realizam, como estudar para conseguir um emprego “melhor”.

Paulatinamente, o trabalho vai perdendo aquele sentido de criação, inovação e desenvolvimento de novas habilidades que abordamos no capítulo anterior, e passa a se resumir a uma ou mais ocupação(ões) que (mal) garante(m) a sobrevivência cotidiana.

O trabalho se torna, assim, reduzido ao **labor**: é desvinculado da identidade e das potencialidades do sujeito que o exerce, espoliando sua energia vital. Atrelado ao racismo, esse jogo capitalista perverso exclui do trabalho digno parte considerável da juventude pobre, negra e periférica, que já sofre uma série de negações de direitos.

“Entrar para o crime” é uma das poucas alternativas a que muitos adolescentes, principalmente os do sexo masculino, se agarram para continuar vivendo, mesmo que seja por pouco tempo. “Ser patrão ao invés de peão” é fala costumeira entre aqueles que acabam se sujeitando a condições degradantes de **trabalho infantil e de risco contínuo**, em relações que misturam falta de acesso a direitos e modelos de masculinidades construídos a partir de símbolos precários e violentos.

Em razão do trabalho infantil no Brasil, entre 2007 e 2020, houve:



Fonte: ONG Nossas, a partir de dados do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (Sinan)

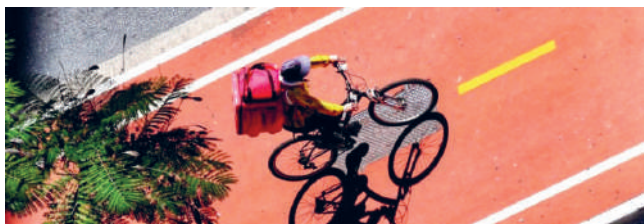
Mas não é só o tráfico de drogas consideradas ilícitas que submete jovens a atividades precarizadas, por vezes em condições análogas à escravidão. Em 2020, pessoas que fazem entregas por aplicativos (como Uber, iFood, Rappi) realizaram uma greve nacional pedindo melhores condições de trabalho, popularizada como “breque dos apps”. Sem direitos trabalhistas assegurados, muitas cumprem jornadas de 12h ininterruptas, sem alimentação e descanso adequados.

CartaCapital

SOCIEDADE

Jovens, negros e ganhando 1 mil reais por mês. O perfil dos entregadores de aplicativos

Estudo da CUT e da OIT traz dados mapeados em Recife e Brasília. ‘São condições de trabalho semelhantes às do século XIX’, diz pesquisador



cartacapital.com.br/sociedade/jovens-negros-e-ganhando-1-mil-reais-por-mes-o-perfil-dos-entregadores-de-aplicativos

De lá para cá, a situação piorou ainda mais. Apesar da expansão dos lucros dos comércios de alimentos via aplicativo durante a pandemia, mais de 60% dos/as entregadores/as relataram queda de quase 35% dos seus rendimentos no mesmo período. O Levantamento sobre o Trabalho dos Entregadores por Aplicativos no Brasil, publicado em agosto de 2020, apresenta o perfil desses/as trabalhadores/as: na sua maioria, são homens (95%), jovens de até 30 anos de idade (56,5%) e negros (59,2%). Segundo a mesma pesquisa, **59,3% deles trabalham entre 9h e 15 horas por dia, e 63,6%, de seis a sete dias por semana.**

O PAPEL DA EDUCAÇÃO E DA APRENDIZAGEM

A universalização do acesso à educação básica é um marco na luta pelos direitos humanos no Brasil. Dados preliminares do Censo Escolar 2020 demonstram que, no ensino fundamental, quase 99% das crianças brasileiras frequentam a escola. À medida que avançam para o ensino médio, no entanto, um terço delas abandonam a escola.

É o que especialistas chamam de **“funil da educação básica”**. Ao longo dos anos do percurso escolar, uma parcela significativa de estudantes, notadamente a mais pobre e cuja trajetória é marcada pela negação de direitos, acumula lacunas de aprendizagem e vive em situação de defasagem idade/série, que é considerada quando a diferença entre a idade do/a estudante e a idade prevista para a escolaridade é de dois anos ou mais. Apenas 48,8% das pessoas de 25 anos ou mais finalizaram a educação básica obrigatória no Brasil, enquanto 32% não chegaram a sequer completar o ensino fundamental, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019.



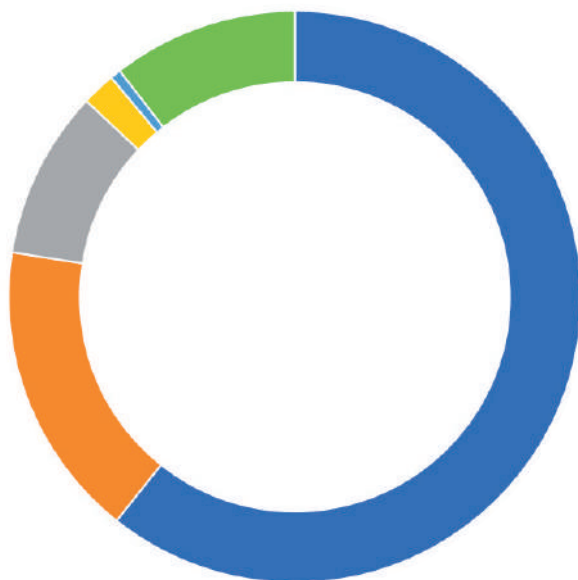
DUKE

Charge do artista Duke, publicada em 2016 no jornal O Tempo.

Quando se trata da realidade de adolescentes e jovens atendidos/as pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), o cerco se fecha ainda mais. Dos 3.335 adolescentes e jovens apreendidos/as no Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Atos Infracionais (CIA) de Belo Horizonte, 89,8% tinham entre 15 e 17 anos, 87% eram do sexo masculino, 84,6% se autodeclararam pardos/as e pretos/as e **76,6% não haviam completado o Ensino Fundamental.**

ESCOLARIDADE DOS/AS ADOLESCENTES E JOVENS ATENDIDOS/AS PELO CIA

- 60,7% estão cursando ou abandonaram o Ensino Fundamental 2
- 16,8% estão cursando ou abandonaram o 1º ano do Ensino Médio
- 10,48% estão cursando ou abandonaram o EJA Ensino Fundamental
- 1,9% estão cursando ou abandonaram o terceiro ano do Ensino Médio
- 0,6% estão cursando ou abandonaram o EJA Ensino Médio



Fonte: Dados extraídos do Relatório Estatístico CIA/SUASE (2020)

Uma das bases do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), em consonância com a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é garantir a adolescentes e jovens autores/as de ato infracional proteção integral, por meio de acesso à educação, cultura, esporte, lazer e saúde. A escolarização e a aprendizagem/ profissionalização são ferramentas que andam de mãos dadas no desenvolvimento de adolescentes e estão correlacionadas a maiores níveis de empregabilidade e renda.

No entanto, ao ingressarem no Sistema, não é incomum se depararem com mais alguns gargalos. A partir dos dados da Pesquisa de Avaliação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (2020), o *Manual Resolução CNJ 367/2021: a central de vagas do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo* (2021), que propõe a criação de um sistema estadual para barrar a superlotação nas unidades, demonstra que, no que se refere ao direito à escolarização, o estado alarmante da infraestrutura das escolas dentro das unidades. Metade delas não tem salas de aula separadas dos dormitórios e acesso à biblioteca, e apenas 57% cumprem com o direito à aprendizagem/profissionalização. Já as atividades de qualificação profissional não chegam a 25% das unidades.

Se antes de ingressarem no Sistema as oportunidades e condições já eram precárias, o preconceito torna o acesso ao mercado de trabalho ainda mais difícil quando adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa estão do lado de fora.

Não há meritocracia possível diante de oportunidades e condições desiguais.

EU ENTENDO QUEM DESISTE, JOSÉ FALERO

Trecho selecionado do site Matinal Jornalismo (2021)

(...) Eu tava indo no Centro Comercial da Lomba do Pinheiro: a Parada 16. Precisava tirar foto 3x4 e fazer xerox dos documento pra fazer a matrícula no Colégio Aplicação da UFRGS. Juntando as moeda e as nota no meu bolso, não dava 20 pila, e era por isso eu tava indo a pé, no forte do sol: se eu pegasse um ônibus pra ir até a 16, não ia sobrar dinheiro pra pagar as foto, os xerox dos documento e as passagem de ida e volta pro campus Vale.

Só Deus sabe como eu queria tomar um gelo hoje. O calor tava demais, a caminhada tava acabando comigo. E eu tava com esse dinheiro no bolso, sendo tentado pela ideia de esquecer a matrícula e gastar tudo em latão. Foi por isso, por causa dessa tentação, que eu reparei, pela primeira vez na vida, como tem boteco da Vila Sapo até a 16. Perdi as conta de tanto boteco. Cara, como tem boteco! Boteco, boteco, boteco. O que mais tinha no caminho era boteco. Não parava de aparecer boteco. E em cada boteco, sempre tinha alguém debaixo de sombra, tomand o um gelo, e eu ficava imaginando que aquele gelo devia tá bem geladinho, bem saboroso. As moeda e as nota no meu bolso pesava uma tonelada, a essa altura.

Mas, desta vez, eu não troquei o futuro por dois ou três latão.

Quando eu cheguei na 16, tomei uma facada muito pior que a do Bolsonaro: 15 conto pra tirar as foto. “Me fodi”, eu pensei.

— Mano, quantas foto?

— Oito.

— Mas eu só preciso de duas. Sai mais barato se eu tirar só duas?

— Não é assim. É um bloquinho com oito. Não dá pra imprimir menos de oito.

Pedi um momento pra decidir o que fazer. Fiquei pensando: se eu tirasse as foto, e se sobrasse dinheiro pros xerox, eu não ia poder pagar as passagem de ida e volta pro campus. Mas se eu guardasse o dinheiro das passagem, deixando de tirar as foto, não adiantava nada eu ir até o campus, porque eu precisava das foto pra fazer a matrícula.

Resolvi tirar as foto e fazer os xerox. Me sobrou 1 real e 70 centavos. Cada passagem de ônibus é 4 e lá vai paulada. Comecei a cogitar a ideia de ir a pé até o campus, e voltar de lá também a pé.

Me permiti comprar um docinho pra alegrar a vida. Entrei no primeiro mercadinho que apareceu.

(...) Voltei a pensar se era melhor ir e voltar do campus a pé, ou pedir um par de passagem emprestado pra minha tia e ir amanhã. O meu estado de espírito tava bom: eu não me importava de caminhar. Além disso, argumentei assim, pra mim mesmo: “quando começar as aula, certamente vai acontecer de eu não ter passagem, e eu vou ter que ir e voltar a pé; talvez seja bom eu já ir me acostumando”. Mas o sol tava forte de verdade. Eu temia passar mal no meio do caminho.

O que me fez desistir da caminhada foi a visão que eu tive do alto da Parada 14 da Lomba do Pinheiro (...) E eu tava cá, a sei eu quantos quilômetros de distância.

Vou ter que fazer esse caminho, ida e volta, a pé, algumas vezes, enquanto eu estiver estudando lá. Vai ser normal pra mim. Mas não foi hoje que eu comecei a me acostumar. Não tive coragem de encarar uma caminhada dessa no sol forte que tava. E me senti culpado por isso. De qualquer forma, tá tudo bem, eu tô determinado. Eu não vou desistir de me formar, desta vez. Eu morro, mas não desisto.

Só que, sabe, eu entendo quem desiste.

Escrevi essa crônica no dia 18 de janeiro de 2019 e postei no Facebook, junto com a foto. Hoje, mais de dois anos depois, estou prestes a me formar no Ensino Médio. Me formo neste semestre. Cumpri a minha promessa. Não desisti. Em muitas ocasiões tive que ir e voltar a pé: duas horas pra ir e duas horas pra voltar, às vezes debaixo de chuva, às vezes com câimbras nas pernas. Em muitas ocasiões achei o ambiente do colégio hostil. Depois veio ainda a tragédia da pandemia e, com ela, a problemática EAD. Mas cumpri a minha promessa. Não desisti.

E agora, mais do que nunca, eu entendo quem desiste.

DIA DE ENTREVISTA, DALVA GUIMARÃES do livro *Do menino* (2021)

Hoje foi dia de mais uma entrevista para uma vaga de menor aprendiz. Eu sofro, porque vejo a minha história se repetindo na história do menino. Eu, adolescente, sem experiência ou formação, procurando colocação em meados da década de 1980. Por mim, ele ficaria só estudando, mas ele quer porque quer ganhar o próprio dinheiro para comprar suas coisinhas.

Dessa vez estava mais experiente, foi sem boné. Mas o entrevistador viu a tatuagem no pulso e perguntou se ele era skatista. Com uma postura mais segura do que a da primeira vez, já sabia o que responder quando fosse indagado sobre o que faria com o salário de aprendiz. E, apesar de ter ensaiado a resposta, a pergunta não foi feita.

Em compensação, ele foi eloquente quando o entrevistador, representando um empresário, pediu que o menino o convencesse a contratá-lo. Deve ter ficado satisfeito, porque ao final, disse que ele se expressa muito bem. Dessa vez, ele se esforçou para não falar gírias: só chamou o moço de “mano” uma única vez e falou “tá ligado” apenas duas vezes.

Quando o entrevistador disse que eu, enquanto mãe, já devia estar investindo na formação profissional dele desde os 11, 12 anos, o menino pisou no meu pé e entendi o recado no rabo de olho: “Não problematiza, mãe!”.

Ele também chegou à conclusão que não dá mais para responder que quer fazer cinema, que da próxima vez vai dizer direito ou administração. Ah, e que precisamos comprar uma calça jeans nova, porque as rasgadas que ele tem não pegam bem para uma entrevista de emprego.

Embora sabendo muito mais inglês do que eu, por causa dos jogos de videogame, das séries e dos programas que baixa no computador para gravar suas músicas, o menino saiu de lá convencido que o que conta para o mercado de trabalho são mesmo os certificados. Por isso me pediu para matriculá-lo em um curso de informática. Eu não sei se fico triste ou orgulhosa.

As crônicas do gaúcho José Falero e da mineira Dalva Guimarães registram a realidade de quem resiste às margens do acesso à educação e ao mundo do trabalho no Brasil. No primeiro, acompanhamos o autor, hoje com 35 anos, na luta para conseguir se matricular em uma unidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Porto Alegre (RS). Conciliar os estudos com a atividade de servente de pedreiro, sem contar as longas distâncias que precisou percorrer a pé de sua casa até a escola, envolveu muita persistência e sacrifícios. Do Facebook, seus textos migraram para livros. Já são três publicados, e um deles, *Os Supridores* (2020), lhe rendeu a indicação ao Jabuti, um dos mais importantes prêmios literários nacionais, em 2021.

Já o segundo traz a voz de uma mãe solo acompanhando a saga do filho para ingressar no programa Jovem Aprendiz, presente no livro *Do Menino* (2021). O menino é inteligente e esforçado, e mesmo tendo estudado em escola pública a vida inteira, teve acesso a algumas oportunidades que não foram oferecidas à maioria dos/as jovens como ele. No entanto, isso não é suficiente para que consiga a vaga mais facilmente, e os dois persistem nessa procura. Dalva reflete sobre a repetição de sua trajetória na dele, ambos buscando um lugar digno em um sistema tão desigual.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

É fundamental, para profissionais e ativistas que atuam na formação de adolescentes, fazer uma reflexão sensível sobre a relação entre oportunidades, escolhas e trajetórias de trabalho e de vida. Para fomentar tal reflexão, propomos, a seguir, uma atividade em que esses três aspectos – oportunidades, escolhas e trajetórias - são tensionados.

A partir dos dois textos apresentados acima, levante algumas questões para a discussão com o seu grupo sobre o acesso diferenciado à educação formal e informal, e também ao mundo do trabalho. A seguir, sugerimos um roteiro que pode ser adaptado a diferentes contextos.

1. Como se deu o seu acesso à educação e ao trabalho?
2. Você conseguiu se formar no tempo indicado para a sua idade?
3. Precisou trabalhar para continuar estudando?
4. Como foi o acesso à educação e ao trabalho na sua família e na sua vizinhança? Isso impactou as suas escolhas?
5. Você se lembra de alguém que marcou a sua trajetória? Na escola, na quebrada, na vida...
6. Você se lembra o que queria ser quando crescesse? Esse sonho se concretizou?
7. O que você acha que teria feito diferença na sua trajetória para alcançar os sonhos que tinha ou tem?



CURRICULO VITAL

COMEDORA DE PAISAGENS

16 anos, moradora do Morro das Pedras

adoro tirar fotos



RESUMO DAS HABILIDADES

Muito comunicativa e habilidosa, gosta de aprender e adquirir



CURRICULO VITAL

MICHAEL JACKSON LIM

Nascido no bairro Camacari

Gosta de vender produtos

É um apreciador de

Educação e gentil

Gosta de tecnologias

Videogames e celular.

vai ensinar na preparação

Frequenta a aula de culinária

culinária no Desembola

em um bom decoro

Não desiste das atividades...



PRECISAMOS
FALAR SOBRE

UM TRABALHO EM COMUM PELO DIREITO DE SONHAR

CURRICULO VITAL

PASSADOR DE TEMPO

18 anos, morador do Jardim Vi

RESUMO DAS HABILIDADES

Muito organizado, pontual, e
e aberto para novos aprendi: *gosto*

*VIRGIVIANO, E NÃO D
PARA ÚLTIMA HORA*

EXPERIENCIA

Cuidador em psicultura

*PESCADOR PACIENTE,
dia todo para pe*
FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Guia turístico

*gosto
aciz*
*APRECIO A NATUREZA
QUERO CONHECER*

Faz quase duas décadas que os caminhos de Alex cruzaram com os da argila, mineral de tradição na cultura mineira. Um forno que havia sido comprado por uma ONG que atuava na comunidade em que ele vivia, para derreter as cerdas das vassouras de garrafa PET, foi logo adaptado para uma paixão que começava a surgir entre quem participava das oficinas: a cerâmica. Alex foi um dos poucos a se formar, em um longo e tortuoso caminho até conseguir fazer dela a sua profissão.

“Cê vai ficar brincando de modelar massinha até quando?”, era uma provocação que ouvia com recorrência. Nas entrelinhas, carregava o preconceito de atrelar trabalhos manuais exclusivamente às mulheres, e também a dificuldade de acreditar que um jovem de periferia pudesse sonhar com um futuro diferente. Hoje, Alex tem a sua própria empresa, a Cerâmica Santana, e se diz realizado.

Ao lado da raizera Tantina, fundadora do Ervanário São Francisco, e de Cenir, mestre de obras que vem abrindo caminhos para as mulheres no ramo da construção civil, a história de Alex é narrada nos **cordéis que acompanham o kit desta campanha** e inspiram a possibilidade de sonhar.

A persistência e força de vontade foram ingredientes fundamentais das três histórias, mas nenhuma dessas pessoas esteve sozinha. Seus meios de acesso à educação, aprendizagem e profissionalização nem sempre foram lineares ou formais, encontrando mais degraus do que a maioria. Mas o apoio de uma série de agentes, de Organizações da Sociedade Civil e projetos sociais a familiares e amigos fez toda a diferença, em um **trabalho comum**, engajado e comprometido com a transformação social.

Para uma causa se tornar de **interesse público**, que compreende tudo o que está relacionado aos direitos fundamentais e à dignidade humana, é necessário que se convoque o imaginário das pessoas. Não só de forma racional, mas também sendo capaz de despertar as emoções. “A razão controla, a paixão move”, afirmam Bernardo Toro e Nisia Werneck, em *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*, publicado pela Unicef (1996).

A mobilização é, justamente, esse trabalho de unir consciências e vontades em torno de uma causa comum. No nosso caso, o **direito à vida, ao sonho e ao trabalho digno**.

No Sistema de Garantia de Direitos (SGD), também encontramos diversos/as profissionais engajados/as em ações que fazem diferença para a construção de novas condições e oportunidades para adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade e risco social. Conheça alguns deles/as:

DESCUBRA!



Divulgação/ Programa Descubra!

Resultado de uma cooperação interinstitucional inédita, que congrega esforços de onze órgãos e instituições federais, estaduais e municipais, o Programa de Incentivo à Aprendizagem de Minas Gerais – Descubra! pretende promover o acesso de adolescentes e jovens, em condição de vulnerabilidade social, a programas de aprendizagem e a cursos de qualificação profissional.

O Programa segue os princípios e as diretrizes da Lei da Aprendizagem (lei nº 10.097/2000), trabalhada no primeiro capítulo deste guia, tendo como público prioritário

adolescentes e jovens egressos/as do Sistema Socioeducativo, adolescentes e jovens em situação de acolhimento institucional e vítimas resgatadas do trabalho infantil.

No segundo episódio do podcast da campanha #faladireito, a procuradora do Ministério Público do trabalho (MPT) Luciana Marques Coutinho e o Promotor de justiça da 23ª Promotoria de Justiça da Infância e Juventude Infracional de BH Márcio Rogério, idealizadores do Descubra!, falam sobre o funcionamento do Programa e o papel que o Estado tem de assegurar o direito ao trabalho, à inserção protegida e à profissionalização para adolescentes e jovens.

Confira: aic.org.br/saberes-compartilhados/kit-faladireito3/

Para mais informações, acesse:
www.descubraaprendizagem.mg.gov.br/.

#FAZDIFERENÇA



Divulgação/ Campanha Faz Diferença

A campanha **Faz Diferença**, realizada pelo Fórum Permanente do Sistema de Atendimento Socioeducativo de Belo Horizonte em parceria com a AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs, reuniu mais de cinquenta pessoas em torno do mote “como manter a vida de adolescentes e jovens no país onde eles/as são os principais alvos da violência?”. No encontro entre quem vive e atua diretamente com esse público, a ação reuniu experiências que vão muito além do protocolo das políticas públicas, e que são capazes de provocar mudanças nas trajetórias de meninos e meninas. Educação e trabalho figuram como focos da ação desses agentes, na busca por proteger a vida e criar perspectivas de cidadania.

A campanha conta com uma publicação, série de podcasts, vídeos, site e redes sociais. Para mais informações, acesse: fazdiferenca.webflow.io/.

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA OPORTUNIDADE

O-POR-TU-NI-DA-DE. Palavra de doze letras e seis sílabas, que, de tão grande, carrega inúmeras possibilidades, sonhos e desejos. O dicionário conta um de seus usos mais comuns: “favorável para a realização de algo”. Varia de tamanho, tipo e se manifesta de forma diferenciada a depender do tempo, do espaço e dos corpos para os quais se direciona. Falar de oportunidade para adolescências tão diversas é falar de diferenças. Para fazer sentido, **as oportunidades precisam conectar direitos de cidadania às trajetórias singulares de cada jovem**, permitindo que imprimam sua marca no mundo.

Comprar um lanche por um preço acessível pode ser uma oportunidade para quem precisa correr todos os dias para não chegar se atrasar no trampo, enquanto uma oficina de teatro

pode ser uma atividade de lazer, estudo e profissionalização. Já aquela corriqueira pracinha do bairro pode se tornar lugar de encontro, discussão e pertencimento coletivos. Oportunidade é palavra plural, que pode significar muitas coisas. Mas, para fazer sentido e impactar trajetórias, se realiza na singularidade de cada vida.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

A partir de uma ideia ampliada de oportunidade, que se conecte às trajetórias e aos territórios de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, convide todo mundo para a construção de um **Guia de oportunidades para o trabalho e a cidadania**.

Materiais necessários

- Folha de papel
- Recortes de papéis coloridos
- Lápis, canetas, tesoura e cola

RODA DE DISCUSSÃO

- Promova uma discussão de sensibilização sobre o que cada pessoa entende como oportunidade. Incentive que tragam exemplos que façam diferença em seu cotidiano e para as pessoas que conhece;
- Amplie a problematização, perguntando quem produz essas oportunidades. Podem ser pessoas, coletivos, empresas, instituições, organizações. O importante é que consigam conectar diferentes fontes no espaço onde habitam;
- Desenhe o quadro a seguir em um papel kraft (ou imprima em uma folha grande), e registre as oportunidades de forma coletiva.

Oportunidades de trabalho

Oportunidades de cidadania (incluindo arte, educação, esporte, cultura, saúde etc.)

- Após essa primeira rodada, cada participante deve pesquisar sobre as oportunidades levantadas e preencher o roteiro de forma detalhada para a produção do guia. Outras poderão ser destacadas;

- Ao final, reúnam as produções para a montagem da primeira versão do guia, que poderá ser ampliado em outros encontros com o mesmo grupo ou novos.

**Roteiro para produção do guia de oportunidades
para o trabalho e a cidadania**

O que fazer:

Quem faz:

Onde e como encontrar:

Forma de acesso:

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Isabelle Chagas

Rafaela Pereira Lima

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rafaela Pereira Lima

Musso Greco

Beatriz Cordeiro Lopes

PROJETO GRÁFICO

Paola Menezes, com base no projeto gráfico de Priscila Justina para Fala Direito – Desafio nº 1: Desarme seu olhar (2019).

CRIAÇÃO DE IMAGENS E SLOGANS

Adolescentes ligados ao Sistema Socioeducativo e ao Desembola, em oficinas conduzidas por Olívia Viana, Gabriela Sá e Guilherme Pereira.

DESENVOLVIMENTO DA CAMPANHA

Equipe e adolescentes do projeto Desembola na Ideia

COMPOSTO em caracteres
Bellaboo e Myriad Pro e
impresso em junho de 2022,
pela Gráfica Central, sobre
papel off set.



Baixe o leitor de QR code no GooglePlay ou Apple Store para acessar outros conteúdos da campanha ou visite **aic.org.br/atuacao/juventudes/desembola-na-ideia**

#faladireito é uma campanha de comunicação produzida por adolescentes e pela equipe do Desembola na Ideia, projeto realizado pela AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs com recursos destinados pela 23ª e pela 36ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, no bojo de ações civis públicas propostas pelo Ministério Público do Trabalho, e apoio da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte - Área Infracional -, assim como do PlugMinas - Centro de Formação e Experimentação Digital da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

MULTIPLICOU? CONTA E MOSTRA PRA GENTE COMO FOI!

Se você realizou uma atividade interessante de multiplicação da campanha **#faladireito** ou criou alguma nova atividade e quer compartilhar, mande o seu recado pro Desembola na Ideia!



aic.org.br/atuacao/juventudes/desembola-na-ideia/



www.facebook.com/agenciadeiniciativascidadas



www.instagram.com/aic_cidadania/

